

Vol XIII, Núm 1, jan-jun, 2021, pág. 364-383.

A FORMAÇÃO DE DOCENTES DO CUANZA SUL PARA A ENSINO- APRENDIZAGEM NAS LÍNGUAS NACIONAIS

THE FORMATION OF TEACHERS OF CUANZA SUL FOR THE TEACHING- LEARNING OF THE NATIONAL LANGUAGES

Joel Ramírez Ramos
Jerónimo Lufuakenda
Miguel Armindo João

Resumo

A formação dos docentes para o ensino das línguas nacionais, situa-se entre as preocupações da educação angolana. Esta adquire maior importância no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) do Cuanza Sul. O plano curricular inclui este processo de formação de docentes, mas é escassa a preparação dos professores para desenvolver o mesmo nas escolas da província. Enquadrado nestas ideias, o artigo propõe como aperfeiçoar a preparação dos docentes para o ensino das línguas nacionais nas escolas do Cuanza Sul. Para obter resultados, desenvolveu-se um estudo histórico-lógico das línguas nacionais, a análise de documentos do plano curricular para diagnosticar a qualidade na formação dos professores e entrevistas a docentes. A partir destes considerou-se a necessidade de melhorar às competências profissionais para o ensino das línguas nacionais, tendo em conta às carências linguísticas e didáticas dos professores para o desenvolvimento deste processo e critérios favoráveis a respeito da formação inicial e permanente dos professores neste campo de acção. Mediante as oficinas de socialização com especialistas comprovou-se a pertinência da estratégia. Estas facilitaram o aperfeiçoamento da metodologia proposta para sua aplicação com a finalidade de aprimorar a formação dos professores para desenvolver o processo de ensino.

Palavras-chave: formação de docentes; processo de ensino-aprendizagem; línguas nacionais

Abstract

The teachers' formation for the teaching of the national languages, locates among the concerns of the Angolan education. This acquires larger importance in the Superior Institute of Sciences of the Education (ISCED) of Cuanza Sul. The plan curricular includes this process of teachers' formation, but it is scarce the teachers' preparation to develop the same in the schools of the province. Framed in these ideas, the article proposes as improving the teachers' preparation for the teaching of the national languages in Cuanza South schools. To obtain results, he/she grew a historical-logical study of the national languages, the analysis of documents of the plan curricular to diagnose the quality in the teachers' formation and interviews to educational. Starting from these he/she was considered the need to get better to the professional competences for the teaching of the national languages, tends in bill to the linguistic lacks and the teachers' didáticas for the development of this process and favorable criteria regarding the teachers' initial and permanent formation in this acção field.

Word-key: teachers' formation; teaching-learning process; national languages

INTRODUÇÃO

Na actualidade, os problemas associados à formação dos docentes, situam-se entre as grandes preocupações da educação em Angola. Esta situação adquire maior importância no processo de formação de professores no ISCDE de Cuanza Sul porque precisa-se de aperfeiçoar a preparação dos professores para desenvolver o processo de ensino tendo em conta as línguas nacionais no contexto das escolas da província. Neste âmbito, propõe-se a educação das línguas nacionais porque é uma necessidade sua preservação como herança colectiva (AZEREDO, 2012). Assim, a formação dos docentes requer maior atenção (VALLE, 2004).

No Artigo 4 das Normas Curriculares Gerais do Ensino Superior, os princípios da organização curricular incluem a capacitação para o desenvolvimento científico e técnico e satisfação das necessidades da sociedade.

Enquadrado nestas ideias, no trabalho intitulado **A formação de docentes para o ensino-aprendizagem nas línguas nacionais no Cuanza Sul**, percebe-se que a formação de professores constitui uma via para a busca de soluções em vista a desenvolver o processo de ensino-aprendizagem nas línguas nacionais no Cuanza Sul. Neste âmbito propõe-se a sistematização da educação das línguas nacionais para que no desenvolvimento do processo de formação dos professores se possa incidir na busca de soluções para aprimorar a sua preparação, com a finalidade de que por efeito das acções contribuir para a preservação da cultura.

Esta pesquisa visa a promoção da política da preservação das línguas nacionais em consonância com a Constituição da República de Angola, que no seu Artigo 87 estabelece o direito à conservação da identidade linguística. Sustenta-se nos objectivos da educação angolana declarados no Artigo 16 da Lei de Base 17/16: “O estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de Angola (...)” “(...) podem ser utilizadas línguas de Angola, nos diferentes subsistemas de ensino (...)” (Lei de Base, p. 5).

Como o processo de ensino das línguas requer a preparação do professor, a abordagem do tema fundamenta-se nos critérios de PLA (2017, p. 77), com respeito as competências profissionais docentes. Segundo este autor, elas permitem estudar, projectar, revelar, avaliar os conhecimentos, habilidades e hábitos, capacidades

pedagógicas, habilidades profissionais, interesses, motivações, valores, normas, estilos, orientações e qualidades da personalidade do docente em relação com o desenvolvimento de funções específicas.

Neste sentido, desenvolver-se-á o ensino das línguas nacionais com o objectivo de educar os alunos, é uma tarefa essencial do professor, que se alcança na formação inicial, e particularmente, na prática e através da superação profissional permanente.

O professor necessita de uma preparação para desenvolver o processo de ensino das línguas nacionais nas escolas, tendo em conta a diversidade linguística presente nas famílias e a comunidade para conseguir a educação dos alunos e desenvolver o plano curricular das disciplinas que lecciona, para obter resultados satisfatórios.

Hoje precisa-se um professor com o domínio de uma cultura linguística, com capacidade para projectar o processo de ensino-aprendizagem a partir das necessidades dos alunos e do contexto em que se desenvolve, com uma capacidade orientadora e comunicativa que lhe permita atender as individualidades dos alunos de acordo com as suas necessidades linguísticas. Também, interactuar com o contexto linguístico da comunidade, com uma atitude transformadora.

No entanto, nota-se insuficiências no processo de formação inicial e permanente dos professores, tendo em conta a diversidade linguística das comunidades na província do Cuanza Sul. A seguir expressam-se estas insuficiências:

- A fraca formação linguística e didáctica dos professores limita o desenvolvimento do processo de ensino das línguas nacionais nas escolas da província.
- As acções de superação contínua de professores precisam de programas que abranjam a diversidade linguística presente nas escolas, tendo em vista a preservação das línguas nacionais como expressão da cultura e a identidade angolana.

Atendendo a importância do tema para a sociedade e constatando a problemática existente, a investigação teve como objectivo aperfeiçoar a formação de professores com vista ao processo de ensino nas línguas nacionais na província do Cuanza Sul. Abrange a ideia de sistematizar a capacitação dos professores das escolas do Ensino Primário e do I e II Ciclo do Ensino Secundário na mesma província.

Para o cumprimento do objectivo geral a pesquisa abarcou os seguintes momentos: sistematizar fundamentos teóricos a respeito das línguas nacionais da Angola; diagnosticar o estado da formação dos alunos e professores nas línguas nacionais e finalmente propor uma estratégia de formação dos professores da província para o processo de ensino nas línguas nacionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem é, em SILVA (1999), a expressão do pensamento por meio de palavras ou sistema de sinais utilizados pelo homem para exprimir e transmitir as suas ideias e pensamentos.

Na mesma linha de pensamento, acrescenta GONTIJO (2004) que o homem dispõe de vários recursos para se expressar e se comunicar. Esses recursos podem ser utilizados em sinais de natureza verbal e não-verbal. Quando esses sinais se organizam, formando um sistema, eles passam a constituir uma linguagem. Portanto, linguagem é um processo do qual os homens transmitem mensagens entre si, servindo-se de sons articulados (palavra oral), de representações gráficas desses sons (palavra escrita) e de gestos (linguagem gestual) (BORREGANA, 2009).

A linguagem tem um lado individual e um social, sendo impossível conceber um sem o outro. O autor encarou a existência na linguagem (discurso humano total) de dois aspectos a que chamou “langue”-língua- (o sistema da linguagem de uma língua) e “parole” -fala- (a realização linguística, oral ou escrita).

A linguagem é essencialmente simbólica. Com efeito, a relação entre as palavras e o seu significado não se baseia numa relação de contiguidade ou semelhança. Este sistema tem princípios de indexidade, de iconicidade e de simbolicidade a actuar em simultâneo. Entanto, língua significa código ou sistema de signos que constituem o suporte da comunicação verbal entre os seres humanos.

A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos, bem como a expressão da consciência de uma comunidade. É através da língua que uma comunidade concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Por isso, a língua não pode ser imutável; pelo contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo que a criou. Na visão de AZEREDO (2012), “a língua é o conjunto de palavras e de regras gramaticais que regem a sua combinação, constituindo uma espécie de herança ou bem

colectivo, resultante de múltiplos factores, incluindo políticos e que vai sendo transmitida de geração em geração.”

Segundo JAKOBSON (2007: 17) “A Língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Muitos outros autores, como AZEREDO [et al.] (2012), encaram a língua como uma herança colectiva, acumulada de elementos que resultam das relações que se estabelecem entre gerações e povos, dependendo, nomeadamente, de factores políticos. A língua tem uma função primordial numa sociedade, constituindo a comunicação privilegiada pela qual o indivíduo expressa ideias, pensamentos.

Por a sua parte, a palavra dialecto popularmente em Angola significa uma língua de segunda classe, uma espécie de sub-língua. O dialecto é a variedade geográfica que se insere na variação intra-linguística, ou seja, é uma das variantes espaciais que faz parte do sistema linguístico.

Há na superfície do globo entre 4.000 e 5.000 línguas diferentes e cerca de 150 países. Um cálculo simples nos mostra que haveria teoricamente cerca de 30 línguas por país. O plurilinguismo faz com que essas línguas estejam constantemente em contacto.

A interferência manifesta-se em todos os planos da língua em contacto e em todos os graus: no domínio do léxico, no fonema (som). Em todos estes casos temos fenómenos de interferência praticamente fixados na língua que recebe o empréstimo.

O fenómeno de interferências acontece em indivíduos bilingues, quando se desviam da norma das línguas, por influência de uma outra e também em comunidades linguísticas que possuem línguas em contacto. Por exemplo, a coabitação do Português com o Umbundu afectou os dois sistemas linguísticos, em vários níveis: fonológico, fonético, morfológico e semântico.

Existem quatro tipos de interferências: fónica, morfológica, lexical e sintáctica. A nível lexical é, sem sombra de dúvidas, o mais rico em fenómenos de interferência, se tivermos em linha de conta que ele constitui a parte menos rígida de uma língua. Os seus elementos são, por conseguinte, os mais vulneráveis ao fenómeno de interferência, numa situação de contacto de línguas.

A variação linguística é um fenómeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país,

com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável; ela (língua) justifica-se de acordo com a comunidade na qual se manifesta.

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes do mesmo país ou de um outro partilhem a mesma língua e apresentem na sua fala diferentes variações. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros.

A língua varia de região para região onde é utilizada, em dependência do contacto com outras línguas, das pertenças sociais e culturais dos seus falantes, e das próprias situações em que é utilizada. Em conformidade com MATEUS (2003: 33), “a variação seja ela histórica ou diacrónica, regional ou diatópica, social ou diastrática ou, ainda, situacional pode ser observada e estudada a partir de procedimentos teóricos e metodologicamente regulados”.

Hoje no mundo globalizado, nenhuma língua nem cultura é melhor do que a outra. Cada uma reflete o contexto social e cultural e é nele que o léxico se vai renovando e inovando, ao longo dos tempos.

Em todas as classes de palavras que formam o léxico da língua, os substantivos constituem o ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para a comunidade, por serem a via por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas.

A todo o instante ocorrem nos falantes de uma língua experiências que exigem a adopção de novas palavras, seja para novas ou coisas e factos sociais já conhecidos, pelas mais diversas razões, seja porque o nome antigo adquiriu conotações arcaicas ou pejorativas, seja para acentuar a posição do falante, seja ainda por influência estrangeira.

Quando há contacto do léxico de duas línguas é inevitável os empréstimos de novas unidades lexicais, em consequência da necessidade de comunicação de um falante com um outro de língua diferente. As unidades que resultam do choque entre as duas línguas em contacto, recebem o nome de neologismos. Dubois [et al.] apud CHICUNA (2015) apresenta-nos o entendimento de que neologia é o processo de formação de novas unidades lexicais. O neologismo de forma é a nova unidade lexical criada ou importada

de uma outra língua. O neologismo semântico (ou neologismo de sentido) é a nova unidade lexical criada numa língua com nova acepção.

Entanto, das origens das línguas dos povos de Angola resulta um país com uma rica história do ponto de vista étnico-cultural e linguístico, por apresentar uma diversidade e/ou heterogeneidade, por existirem duas famílias de línguas, as de origem bantu e não bantu.

Quanto as origens dos povos de Angola, os proto-bantu encontravam-se na parte mais ao Norte do continente africano, isto é, na parte do equador, concretamente ao noroeste da selva equatorial, onde viviam os primeiros povos, que começaram a emigrar para o actual território de Angola, antes do ano 1200, ocorrendo as últimas migrações no ano 1800.

Os Bantu constituem um grupo etnolinguístico localizado, principalmente na África Subsariana. A unidade desse grupo aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de grupos e subgrupos, têm como língua materna, uma língua da família bantu.

Os Ovimbundu são oriundos dos bantu e, por último, os bantu são provenientes dos proto-bantu, que se localizavam a norte do Sahara, na Região dos Grandes Lagos, donde começaram a se deslocar para chegar a ocupar novas terras favoráveis para o cultivo.

Dada a diversidade linguística existente, as línguas africanas integram grupos distintos, divididos por famílias. Dada a essa classificação, a Língua Umbundu pertence ao grupo das línguas bantu, da subfamília Níger-Congo.

O termo bantu está associado a língua/cultura e população. Assim, as línguas bantu designam todas as línguas faladas do Sul dos Camarões até a África do Sul, que têm semelhanças fonéticas, morfológicas, semânticas lexicais e culturais.

No segundo caso, o povo Bantu designa o conjunto de população da África Subquatorial que falam línguas da mesma família, embora pertencendo a tipos étnicos muito diversos, designando o ser humano por muntu, no singular, e bantu, no plural (Cf. Kukanda, 1986, apud CHICUNA, 2015). PONSO (2010) apresenta uma lista de Línguas Bantu faladas em Angola. O autor baseou-se no estudo de Kukanda (2000):

a) Kikongo: ocupa principalmente as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e Bengo, apresentando catorze variantes;

- b) Kimbundu: falado nas províncias de Malange, Kwanza-Norte, Luanda, Bengo e Kwanza-Sul e Uíge;
- c) Umbundu: estende-se às províncias do Bié, Huambo, Kwanza-Sul e Benguela, apresentando quinze variantes;
- d) Cômwe: ocupa as províncias de Moxico, Cuando-Cubango, apresentando sete variantes;
- e) Ngangela: falado nas províncias do Bié, Moxico, Cuando-Cubango e Huíla, apresentando vinte e duas variantes;
- f) Nyaneka-humbi: falado em toda a província da Huíla e parte do Cunene, com onze variantes;
- g) Ambos: falado no Namibe e no Cunene, com seis variantes;
- h) Herero: falado no Namibe e no Cunene, com seis variantes;
- i) Oxindonga: está presente no Cuando-Cubango, com seis variantes.

Já as línguas não bantu, segundo PONSO (2010), caracterizam os primeiros povos a habitar Angola, que teriam sido os Khoisan e os Vátwa os remanescentes das populações mais remotas das savanas do extremo sul do continente, que hoje constituem uma população de mais de 50.000 pessoas, dos quais 8.000 estão em Angola. Fazem parte das línguas desses povos o Kamusekele, Kazama, Kede, Kuissi e o Kwepe, e têm como habitat as províncias do Kwandu-kubango e Cunene.

A língua Umbundu, falada pelos Ovimbundu, se trata de um grupo étnico que continua a marcar a história económica, política e cultural de Angola.

Em ALEIXO (2011), geograficamente, o povo em referência ocupa o Planalto Central de Angola e a Faixa Costeira adjacente, na região que compreende as províncias de Benguela, Huambo e Bié. Nessa região e em muitas outras, onde, hoje, já se regista a presença do povo Ovimbundu, foram aparecendo variantes da língua (Tabela nº 01.), segundo a distribuição das variantes com suas respectivas regiões (Tabela nº 02).

Tabela nº 01. Variantes da Língua Umbundu

| Nº | Variantes |
|----|-----------|
| 1 | Kacisanje |
| 2 | Kakonda |
| 3 | Lumbu |
| 4 | Mbalundu |

| | |
|----|--------|
| 5 | Mwanya |
| 6 | Ndombe |
| 7 | Nganda |
| 8 | Sambu |
| 9 | Sele |
| 10 | Vyie |
| 11 | Sumbe |
| 12 | Cikuma |
| 13 | Wambu |

Tabela nº 02. Distribuição das variantes com suas respectivas regiões

| Regiões | Variantes |
|----------------|--|
| Benguela | -Akwambe ou Ndongo -Cisanje -Hanya ou Mwanha -Lumbu -Nganda |
| Kwanza-Sul | - Mbwi ou Ambwi - Sele - Sumbe ou Pinda |
| Viye/Bié | Viyenu |
| Wila/Hufla | Kakonda |

A língua em destaque, segundo a classificação de MALCOM (1948) apud COSTA (2015), está disposta em sistema de classes linguísticas, possuindo dezoito classes de concordância, caracterizado pela presença do prefixo substantival e prefixo dependente.

Nas línguas bantu, as classes possuem noções próprias que lhes são característicos, podendo apresentar-se como um nome completo, subentendendo-o do radical. Para mais esclarecimentos sobre a formação das classes, COSTA (2015) apresenta um quadro, onde estão reflectidas as dezoito classes da Língua Umbundu (Tabela nº 03), e o Alfabeto da Língua Umbundu (Tabela nº 04).

Entanto, o português pertence à família das línguas indo-europeias, pois foi formado a partir das transformações verificadas no latim. Esta língua não proveio directamente do latim literário, mas do latim popular falado pelo povo. É, actualmente, uma das mais faladas do mundo. Ela ocupa o terceiro lugar, em número de falantes, entre as línguas novilatinas ou românicas. Também é falado por importantes núcleos de emigrantes portugueses, espalhados por muitos países do mundo.

O português chegou a Angola em 1482. O domínio colonial desencadeou um processo de aculturação que implicou a destruição das estruturas económicas e sociais dos povos colonizados e a imposição da língua portuguesa sobre as autóctones, que subsistiram nas regiões mais interiores do território, afastados dos grandes centros urbanos, onde o português se impôs como língua oficial no território colonizado não chegando, porém, a todos os estratos da população e ficando, quase até a actualidade, confinado, primeiro ao litoral e, depois, aos grandes centros urbanos.

A situação da política linguística de Angola carece cada vez mais de estudos aprofundados. Deste modo, pode-se afirmar que as políticas linguísticas de Angola ainda não estão definidas em função da nossa realidade histórica, política, cultural e linguística.

Assim, nas escolas angolanas, a par do emprego da língua portuguesa como veículo e como matéria de ensino desde as primeiras classes, assistia-se, igualmente, à utilização dos programas e métodos de ensino que se usavam na “metrópole” e nos restantes territórios colonizados pelos portugueses.

Constata-se que a política colonial portuguesa pautou-se pela tentativa de integrar os angolanos na cultura europeia. Desde a chegada dos portugueses no actual território. A única língua que os angolanos deviam e podiam aprender e dominar ao nível das escolas estatais era o português. O Governo colonial não hesitou em impor o uso exclusivo desta língua no ensino, hostilizando as línguas africanas. A referida imposição fez com que nos dias de hoje houvesse muitos problemas no que toca a escrita das línguas bantu

e muitos angolanos tornaram-se ignorantes e analfabetos na aprendizagem das línguas bantu faladas no território nacional.

Quanto a realidade acima apresentada, actualmente ainda se verificam essa prática da utilização dos métodos, dos programas e matéria vida de Portugal depois de independência. Assim, que é e será difícil definir tão cedo as políticas linguísticas de Angola por ser um país plurilingue.

A política linguística de Angola pós-independência continua a beneficiar os que gostam e os que falam somente a língua portuguesa. Hoje há necessidade de o Estado angolano alterar esse quadro pelo facto de que uso exclusivo do português como a única língua de administração e de escolarização até ao momento tem prejudicado o desenvolvimento cultural e tecnológico do país.

Hoje é uma necessidade manter as línguas nacionais. Neste sentido, a formação dos docentes requer destaque. Segundo NADAI, (1988), o modelo da formação do profissional deve focar-se a preparar um cidadão comprometido com o processo de mudança que vive o mundo e a nação, tendo um rol protagónico nas transformações económicas, sociais, ideológicas e culturais.

A formação do profissional implica uma forte apreensão de sua cultura para que possa interagir criativamente na diversidade cultural do país e esteja preparado ideologicamente para abrir-se ao desenvolvimento internacional sem perder sua identidade.

A concepção curricular que se necessita para enfrentar a realidade actual no ensino superior está plasmada em documentos do Governo Angolano e documentos do Ministério de Ensino Superior Angolano, precisado nas Normas Curriculares Gerais para os cursos de graduação do Sistema de Ensino Superior, aprovado pelo Presidente da República de Angola. Segundo o artigo 4 do capítulo II das normas curriculares os princípios específicos da organização curricular são: Integralidade da formação, Capacitação para o desenvolvimento científico e técnico, Aplicação das tendências pedagógicas contemporâneas, Satisfação das necessidades da sociedade, Ligação da teoria à prática, Comparabilidade, Interdisciplinaridade e Flexibilidade na formação.

Nestes princípios aponta-se a ter em conta ao aluno e suas relações como centro do processo educativo e o papel criador do docente para dirigir a educação dos alunos a

partir de suas potencialidades de desenvolvimento e fundamentam desde planos teóricos, concepções psicológicas, pedagógicas, didáticas, curriculares e sua concretização no processo educativo. A aspiração da formação integral dos alunos, só é possível, se o docente que dirige o processo educativo assume um modo de actuação em correspondência com as necessidades da formação. A atenção centra-se na educação para a vida que inclui não só conhecimentos, habilidades, hábitos, mas também o desenvolvimento da independência, do autoaprendizagem, do autocontrole e dos aspectos do carácter, interesse, motivos, valores, convicções, das normas de conduta, aspirações em correspondência com os significados sociais e de identidade nacional.

MATERIAIS E MÉTODOS

Durante a realização da pesquisa foi utilizada a modelagem na estruturação da proposta para a formação dos professores tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem nas línguas nacionais, além de outros métodos do nível teórico como o histórico-lógico, analítico-sintético e indutivo-dedutivo para a revisão bibliográfica e as análises dos resultados dos instrumentos aplicados.

Também foram utilizados métodos empíricos, como a observação para verificar as irregularidades que são vistas na preparação dos professores da amostra para o processo de ensino nas línguas nacionais, entrevistas a professores e análise de documento. Os métodos de nível matemático-estatísticos foram usados para quantificar, classificar, analisar, processar e valorizar os dados e chegar as inferências e regularidades. Utilizou-se um enfoque de investigação acção (STENHOUSE, 1996), com a participação e professores no diagnóstico e na proposta. Utilizaram-se três secções de oficinas para debater os critérios de usuários para avaliar a proposta e colectar outros para melhorias posteriores.

Foi escolhida uma amostra aleatória simples de 65 pessoas, representativa dos professores de Cuanza Sul em quatro segmentos integrados por 5 professores do ISCED, 10 mestrados em Ciências da Educação, 20 professores que leccionam no Ensino Primário e no Ensino Secundário e 30 estudantes em formação no ISCED do Cuanza Sul. A amostra tanto pela forma de selecção quanto pela quantidade é representativa e garante que os resultados possam demonstrar as tendências no processo

de formação dos professores no ensino das línguas nacionais. Os instrumentos foram provados em pequenas escalas antes de aplicar-se para fazer os ajustes necessários.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para obter resultados preliminares em correspondência com as tarefas da investigação, se desenvolveu um estudo histórico-lógico das línguas nacionais. Neste sentido, foi necessário a pesquisa mediante a revisão bibliográfica e análise de documentos. Também foi realizado a revisão do plano curricular da formação de docentes e das ações de superação. A pesquisa incluiu entrevistas a estudantes e professores com respeito a sua formação para desenvolver o processo de ensino nas línguas nacionais. Verificaram-se as seguintes problemáticas:

1. Dos sujeitos da amostra 58 (89,2%) expressaram que há necessidade de aperfeiçoar a abordagem no plano curricular e nos programas de superação de professores para o desenvolver de competências profissionais tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem nas línguas nacionais.
2. Em 49 (75,3%) deles reconheceram que há professores que não assumem o ensino através das línguas nacionais, que permitam a aprendizagem dos alunos.
3. Em 45 (69,2%) dos professores observa-se pouco emprego das línguas locais nas aulas que leccionam.
4. Dos sujeitos da amostra 46 (70,7%), afirmaram que na maioria das ocasiões o processo de ensino se conduz com limitado protagonismo dos alunos no uso das línguas nacionais que falam.
5. Em 60 (92,3%), explicaram a pouca interacção comunitária para o ensino com o emprego das línguas nacionais. O que limita o aproveitamento da população para o melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.
6. Todos (100%) manifestaram critérios favoráveis com respeito a necessidade de desenvolver a formação inicial e permanente de professores para direccionar o processo de ensino das diferentes disciplinas nas línguas nacionais nas escolas da província do Cuanza Sul, em Angola.

PROPOSTA

Com base nos resultados preliminares, desenha-se a estratégia de formação dos professores para desenvolver o processo de ensino nas línguas nacionais. Com vista a superar as debilidades investigadas na pesquisa, a proposta inclui as seguintes etapas e acções:

I. Etapa. Sensibilização

Tem em vista o trabalho com a Direcção do ISCED e a Gabinete Provincial da Educação da província Cuanza Sul, para sensibilizar o corpo directivo, chefe de departamentos, coordenadores e professores que leccionam no Ensino Primário, Ensino Secundário e Ensino Superior sobre a necessidade de aperfeiçoar a formação inicial e permanente.

II. Etapa. Diagnóstico

-Caracterização do estado actual do processo de formação e a preparação dos professores respeito às competências profissionais para desenvolver o processo de ensino nas línguas nacionais.

-Realização de levantamento das potencialidades (quantidade de professores com domínio no processo de ensino nas línguas nacionais, quantia de escolas nas comunidades multilingues de Ensino Primário e Ensino Secundário na província).

III. Planificação

Planificação de um conjunto de actividades que vão responder as debilidades tendo em consideração as potencialidades que a província possui, nomeadamente:

-Programa de superação dos professores, para o desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais. Tempo lectivo: 60 horas. 4 Unidades de créditos. 30 Horas teóricas. 15 Horas teórico-práticas. 15 Horas práticas.

-Realização de seminários para potenciar o corpo directivo e professores do ISCED no desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais.

-Mesa Redonda com professores do Ensino Primário e Secundário sobre o desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais;

-Oficina para análise do diagnóstico sobre o desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais.

-Oficina para o estudo das línguas da província do Cuanza Sul.

-Oficina para determinar acções colectivas para o desenvolvimento do processo de ensino.

-Aulas metodológicas demonstrativas para o desenvolvimento de ferramentas didácticas do processo de ensino nas línguas nacionais e cursos de extensão ensino do Kimbundo, Umbundo e outras de interesse.

IV. Etapa de Avaliação

Inclui-se em todas as etapas para avaliar os impactos no processo de formação de professores e a prática educativa no desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais nas instituições educativas da província.

Para submeter a consideração dos agentes educativos que a implementaram na prática pedagógica e confirmar sua pertinência, efectuam-se três oficinas de socialização com especialistas (MATOS, L. CRUZ, (s/f), com a intenção de avaliar e enriquecer a proposta. Participaram 10 directores de escolas e 10 professores do Instituto Superior de Ciências da Educação, do Cuanza Sul. Foram seleccionados pela vasta experiência no trabalho metodológico, por responsabilidades desempenhadas na direcção do trabalho docente. O 100 % dos directores e professores são licenciados em Educação, 5 (25 %) são Doutores em Ciência. Possuem uma vasta experiência na docência.

As oficinas realizadas foram baseadas na investigação qualitativa, tendo em conta os critérios dos participantes. Cada uma passou por três momentos: Preparação, Discussão e Conclusão. Durante a Preparação foram consultadas as expectativas dos participantes com respeito à temática investigada, e foi necessário informar os objectivos dos encontros de discussão.

Durante a Discussão se examinaram valorações e o compromisso com o trabalho. Os debates gerados permitiram a sensibilização dos docentes com respeito as dificuldades levantadas. Os autores do presente estudo explicaram os fundamentos e apresentaram-se os componentes da metodologia e as relações que se estabelecem entre estes para sua execução. Seguidamente, os participantes esporam critérios, julgamentos e valorações

sobre a medida em que as acções da metodologia os preparam para a preparação dos professores para o processo de ensino nas línguas nacionais.

A proposta integrou coerentemente as acções porque constitui um objectivo que deve conseguir-se no processo de formação do professor. Também, a mesma favoreceu a saída coerente às acções, a partir das potencialidades e possibilidades deste processo.

Os participantes concordaram que a implementação da proposta, contribui para a preparação do professor porque se adapta aos objectivos e exigências da escola angolana.

Em geral, os critérios emanados das discussões realizadas durante as oficinas de socialização com especialistas, atribuíram validade à proposta.

CONCLUSÕES

1. Em Angola existem línguas pertencentes à família linguística bantu e outras à família não-bantu. Apesar disso, a língua portuguesa, que não é língua bantu, continua a ser a maior língua de comunicação entre os angolanos.

2. O resultado do contacto de línguas, num país como Angola multilingue, em que a tendência de adaptar as línguas nacionais ao português e vice-versa é muito forte, cria assim, fenómenos de interferência e, sobretudo, de empréstimos interlinguísticos. A língua portuguesa teve contacto com a língua Umbundu desde que os portugueses chegaram em Angola. Desde então, começou a haver modificações tanto na língua portuguesa como nas línguas de Angola.

3. Os resultados preliminares do diagnóstico realizado possibilitaram concluir que as necessidades no processo de formação inicial e permanente dos professores limitam o desenvolvimento do processo de ensino nas línguas nacionais da província do Cuanza Sul.

4. A estratégia desenhada como solução, sustenta-se no desenvolvimento de etapas e acções dirigidas ao aperfeiçoamento da formação inicial e permanente dos professores para fortalecer as competências profissionais com vista ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem nas línguas nacionais.

5. Mediante as oficinas de socialização com especialistas comprovou-se a pertinência da estratégia. Estas facilitaram o aperfeiçoamento da metodologia proposta para sua

aplicação com a finalidade de aprimorar a formação dos professores para desenvolver o processo de ensino tendo em conta as línguas nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEIXO, R. A **Origem do Ovimbundu, a história mais próxima da realidade**, Artigo 2, Revista Benguela, 2011.
- ASSEMBLEIA CONSTITUINTE. **Constitución de la Republica de Angola**. Luanda, Angola, 2010.
- AZEREDO, O. M. [et al.]. **Da Comunicação à Expressão: Gramática Prática do Português**, Raiz Editora, Lisboa, 2012.
- BORREGANA, A. A. **Gramática Língua Portuguesa**, Texto Editores, Luanda, 2009.
- COSTA, J. **Gramática da Língua Portuguesa**, 3ª ed., Escolar Editora, Lisboa, 2015.
- COSTA, T. M. C. J. DA. **Umbudismos no Português de Angola, Proposta de um Dicionário de Umbudismos**, Tese de Doutoramento em Linguística, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.
- CHICUNA, A. M. **Léxico Português: Kiyombe do Corpo Humano: Particularidades dos Morfemas Flexionais**. Dissertação para obtenção do grau de Mestre, faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- CHICUNA, A. M. **Portuguesismos nas Línguas Bantu: Para um Dicionário Português Kiyombe**, 2ª ed., Edições Colibri, Lisboa, 2015.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Lei n.º 17/16. Lei de Bases do Sistema de Educação**. Luanda, Angola, 2016.
- GONTIJO, S. **O Livro de Ouro da Comunicação**, 2ª ed., Asa Editores, Rio de Janeiro, 2004.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**, 24ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 2007.

- MATEUS, M. [et al.]. Gramática da Língua Portuguesa, 5^a ed., Caminho, Lisboa, 2003.
- MATOS, E. & L. CRUZ. (s.f.). **El taller de socialización y la valoración científica en las Ciencias Pedagógicas.** Disponible en:http://www.ucp.cm.rimed.w/uzine/...01/02_matose_socialización.
- MINISTÉRIODA EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Normas Curriculares Gerais para os cursos de graduação do Sistema de Ensino Superior.** Luanda, Angola, 2018.
- NADAI, Elsa. **O ensino de História e a pedagogia do cidadão.** In: PINSKY, Jaime (org.). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 1988.
- PLA, R. **Modelo de Profissional da Educação, suas competências docentes.** EAE-Editorial Académica Espanhola, (2017).
- PONSO, L. **C.O Português no Contexto de Angola: confluência,** Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2010.
- STENHOUSE, L. **Investigação e desenvolvimento do curriculum.** Madrid: Morata, 1996.
- VALLE. C. **A didática e a formação de professores: analogias e especificidades.** In: EGGERT, E. (Org.). Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANEXOS

Tabela nº 03. Classes da Língua Umbundu

| Class e | Prefixo Substantiva I | Prefixo Dependente | | |
|-----------------|-----------------------------|--------------------|----------|-----------|
| | | Série I | Série II | Série III |
| 1 ^a | Omu-, u- | Omu-, u- | | |
| 2 ^a | Oma-, a-, va- | Va- | o- | Va- |
| 3 ^a | u- | u- | u- | u- |
| 4 ^a | Ovi- | vi- | vi-, o- | vi- |
| 5 ^a | e-, i- | li- | e- | li- |
| 6 ^a | a-, ova- | Va- | Va- | Va |
| 7 ^a | Oci- | ci-, co- | ci-, co- | Ca |
| 8 ^a | Ovi- | o- | o- | Vi |
| 9 ^a | O- | e-, o- | e-, o- | i- |
| 10 ^a | Olo- | e-, o- | e-, o- | Vi- |
| 11 ^a | Olu- | Olu- | Olu- | Lu- |
| 12 ^a | Oka- | Ka- | Ka- | Ka- |
| 13 ^a | Otu- | Tu- | Tu- | Tu- |
| 14 ^a | U- | u- | u- | u- |
| 15 ^a | Oku- | Ku- | Ku- | Ku- |
| 16 ^a | Ko-, ki- | Ko-, ki- | Ko-, ki- | Ko-, ki- |
| 17 ^a | Ko-, po- | Ko-, pu- | Ko-, po- | Ko-, po |
| 18 ^a | Vo- | Vo- | Vo- | Vo- |

Tabela nº 04. Alfabeto da Língua Umbundu

| Letra | Pronúncia |
|-------|-----------|
| A | [a] |

| | |
|-----|--------|
| C | [tchê] |
| E | [e] |
| F | [Fê] |
| H | [hê] |
| I | [i] |
| K | [kê] |
| L | [lê] |
| M | [mê] |
| Mb | [mbê] |
| N | [nê] |
| Ny | [ny] |
| Nd | [nde] |
| Ndj | [ndje] |
| Ng | [ngue] |
| Ñ | [ñga] |
| P | [pé] |
| S | [se] |
| T | [te] |
| U | [u] |
| V | [vê] |
| W | [we] |

Recebido:3/9/2020. Aceito: 27/11/2020.

Autores:

Joel Ramírez Ramos, Doutor em Ciências Pedagógicas, Professor Titular da Universidade de Holguin (Cuba) e de Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwíla (Angola).

Contato: joelramirezramos1968@gmail.com

Jerónimo Lufuakenda, Mester em Ensino da Língua Portuguesa, Professor Assistente do Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwíla (Angola).

Contato: jeronimob26@gmail.com

Miguel Armindo João, Mester em Ensino da Língua Portuguesa, Professor Assistente do Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwíla (Angola).

Contato: miguelarmindo010@hotmail.com